

## Capítulo Um

### O PAPAGAIO DE PAPEL

Era uma dessas manhãs em que tudo parece perfeito, luminoso e cintilante, como se o mundo tivesse sido arrumado durante a noite.

Na Rua das Cerejeiras, as casas pestanejavam à medida que as persianas subiam e as leves sombras das Cerejeiras caíam em tiras escuras sobre o passeio. Não se ouvia nada, exceto o tinir da sineta do Vendedor de Gelados, que subia e descia a rua com o seu carrinho.

MANDEM-ME PARAR E COMPREM-ME UM GELADO,

dizia o letreiro que trazia na parte da frente do veículo. E dali a pouco um Limpa-Chaminés dobrou a esquina e chamou-o com a sua mão negra e enferruscada.

O Vendedor de Gelados aproximou-se, tocando a sineta.

«Um de um dinheiro», disse o Limpa-Chaminés. E, apoiado no seu feixe de vassouras, começou a lamber o Gelado com a ponta da língua. Quando acabou, embrulhou cuidadosamente o cone no lenço e meteu-o no bolso.

«Não come os cones?», perguntou o Vendedor de Gelados, muito surpreso.

«Não. Faço coleção!», disse o Limpa-Chaminés. Pegou nas suas vassouras e entrou pelo portão da frente do Almirante Tonante, pois não havia Entrada de Serviço.

O Vendedor de Gelados voltou a tocar a sineta, empurrando o seu carrinho pela Rua acima, e as tiras de sombra e de sol iam caindo sobre ele ao passar.

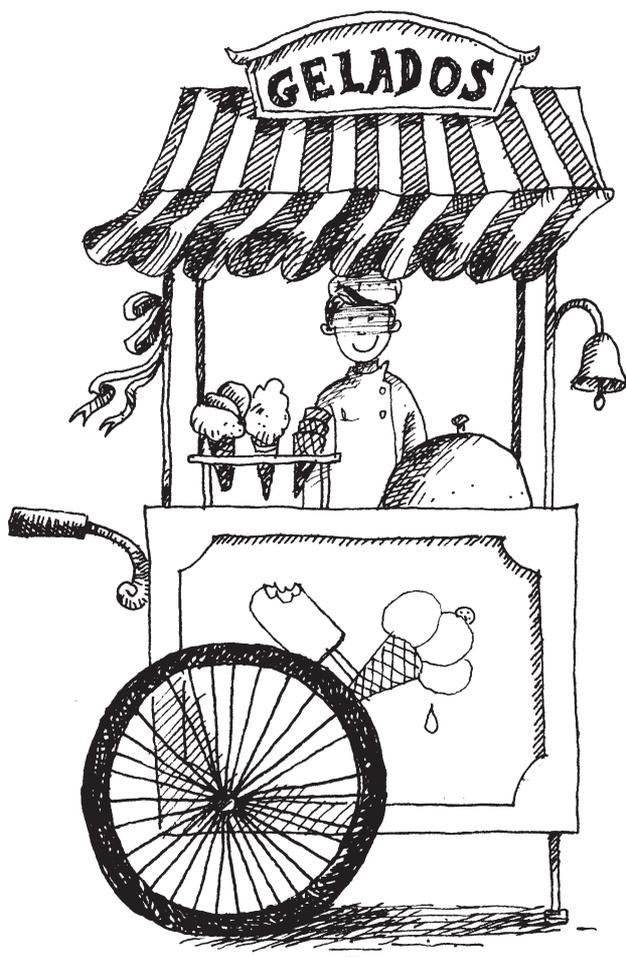
«Nunca vi isto tão sossegado!», murmurou, olhando para a direita e para a esquerda, à procura de clientes.

Nesse exato momento, ouviu-se, vinda do Número Dezassete, uma voz bem alta. O Vendedor de Gelados dirigiu-se apressadamente para o portão, na esperança de vender um gelado.

«Não tolero! Recuso-me a tolerar mais isto!», gritava o Sr. Banks, indo e vindo com grandes passadas furiosas entre a porta da frente e o pé das escadas.

«O que se passa?», perguntou preocupada a Sra. Banks, saindo apressadamente da Sala de Estar. «Que estás tu a pontapear no corredor de um lado para o outro?»

O Sr. Banks deu um pontapé e uma coisa preta voou até meio das escadas.



«O meu chapéu!», disse ele, entre dentes. «O meu Melhor Chapéu de Coco!»

Subiu as escadas a correr e voltou a pontapéá-lo para baixo. O chapéu rodopiou nos ladrilhos por um instante e caiu aos pés da Sra. Banks.

«Mas o que é que se passa com o chapéu?», perguntou nervosamente a Sra. Banks, pensando que com o Sr. Banks é que se devia passar alguma coisa.

«Vê com os teus próprios olhos!», rugiu ele.

Tremendo, a Sra. Banks curvou-se e pegou no chapéu. Estava coberto de enormes manchas luzidias e pegajosas e tinha um odor estranho.

Cheirou a aba.

«Parece graxa», disse.

«É graxa», replicou o Sr. Banks. «O Robertson Ay escovou o meu chapéu com a escova das botas. Pior, engraxou-o.»

A Sra. Banks abriu a boca de espanto.

«Não sei o que se passa com esta casa!», continuou o Sr. Banks. «Nunca nada corre bem... e não corre bem há séculos! A Água para Fazer a Barba demasiado quente, o Café do Pequeno-Almoço demasiado frio. E agora... isto!»

Tirou o chapéu das mãos da Sra. Banks e pegou na sua pasta.

«Vou-me embora!», disse. «E duvido que alguma vez regresso. Talvez embarque numa longa viagem por mar.»

Enfiou o chapéu na cabeça com uma palmada, bateu a porta atrás de si com força e saiu pelo portão tão depressa que fez cair ao chão o Vendedor de Gelados, que tinha estado a ouvir com interesse a conversa.

«A culpa é sua!», disse o Sr. Banks, zangado. «Não tinha nada de estar aqui!» E dirigiu-se a grandes passadas para a *City*, de chapéu engraxado a cintilar como uma joia ao sol.

O Vendedor de Gelados levantou-se com cuidado e, vendo que não tinha nenhum osso partido, sentou-se na berma do passeio e consolou-se comendo um grande Gelado...

«Oh, céus!», disse a Sra. Banks ao ouvir o estrondo do portão a fechar-se. «É bem verdade. Ultimamente, nada corre *de facto* bem. Primeiro uma coisa, depois outra. Desde que Mary Poppins se foi embora Sem Avisar, tudo começou a correr mal.»

Sentou-se no primeiro degrau das escadas, pegou no seu lenço de mão e desatou a chorar.

E, enquanto chorava, pensou em tudo o que tinha acontecido desde o dia em que Mary Poppins, de forma tão repentina e estranha, desaparecera.

«Ir-se de um dia para o outro... que transtorno!», disse a Sra. Banks, reprimindo um soluço.

A Mna. Verde chegara pouco depois, mas foi-se embora ao fim de uma semana porque o Michael lhe tinha cuspidido. Seguiu-se-lhe a Mna. Castanha, que um dia